



MARX PELOS MARXISTAS

TEXTOS

Friedrich Engels
Vladímir Ilitch Lênin
David Riazánov
Clara Zetkin
Eleanor Marx
Marian Comyn
Paul Lafargue
Wilhelm Liebknecht
Friedrich Lessner
Henry Hyndman
Franziska Kugelmann
Karl Kautsky
Luise Kautsky

ORGANIZAÇÃO

André Albert



© Boitempo, 2019

Direção editorial Ivana Jinkings

Organização e edição André Albert

Assistência editorial Carolina Mercês e Andréa Bruno

Tradução Claudio Cardinali, Edições Avante!, Guilherme Habib
Santos Curi, Luiz Felipe Osório, Paula Vaz de Almeida,
Pedro Davoglio, Régis Mikail Abud Filho, Renata
Dias Mundt (conforme indicado em cada texto)

Preparação Thais Rimkus

Revisão Silvia Balderama Nara

Coordenação de produção Livia Campos

Capa Maikon Nery

Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio: Ana Carolina Meira, Artur Renzo, Bibiana Leme, Clarissa Bongiovanni,
Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Isabella Marcatti,
Ivam Oliveira, Joanes Sales, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marlene Baptista,
Maurício Barbosa, Raí Alves, Talita Lima, Túlio Candiotti

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M355

Marx pelos marxistas / Friedrich Engels... [et. al] ; organização André Albert.
- 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2019.

ISBN 978-85-7559-702-6

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Filosofia marxista. 3. Comunistas - Alemanha
- Biografia. I. Engels, Friedrich. II. Albert, André.

19-56817

CDD: 920.933543

CDU: 929:330.85

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1^a edição: junho de 2019

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

Sumário

Apresentação – João Quartim de Moraes	7
Parte I – Retratos.....	15
Esboço do discurso a ser lido diante do túmulo de Karl Marx (1883) – <i>Friedrich Engels</i>	19
O sepultamento de Karl Marx (1883) – <i>Friedrich Engels</i>	21
Sobre a morte de Karl Marx (1883) – <i>Friedrich Engels</i>	27
Em homenagem a Karl Marx: um esboço biográfico e lembranças (excertos, 1896) – <i>Wilhelm Liebknecht</i>	37
Recordações pessoais sobre Karl Marx (1890) – <i>Paul Lafargue</i>	73
Lembranças de um trabalhador sobre Karl Marx: em homenagem aos dez anos de sua morte, em 14 de março (1893) – <i>Friedrich Lessner</i>	89
Um breve percurso pela grande personalidade de Karl Marx – <i>Franziska Kugelmann</i>	101
Karl Marx: folhas avulsas (1895) – <i>Eleanor Marx</i>	127
Minhas lembranças de Karl Marx (1922) – <i>Marian Comyn</i>	135
Karl Marx (1911) – <i>Henry Hyndman</i>	147
Algumas horas com Karl Marx (1933) – <i>Karl Kautsky</i>	165
Parte II – Panoramas	173
Karl Marx (1877) – <i>Friedrich Engels</i>	177
Marx, Heinrich Karl (1892) – <i>Friedrich Engels</i>	189
Karl Marx e a obra de sua vida! (1913) – <i>Clara Zetkin</i>	197
A personalidade de Karl Marx (s.d.) – <i>Luise Kautsky</i>	241
Karl Marx (breve esboço biográfico e uma exposição do marxismo) (1914) – <i>Vladímir Ilitch Lênin</i>	251
Marx e Engels: palestras proferidas nos cursos sobre marxismo da Academia Socialista (excertos, 1923) – <i>David Riazánov</i>	285
Karl Marx: conferência radiofônica (1933) – <i>Karl Kautsky</i>	317
Relação de obras de Karl Marx editadas em português.....	327
Títulos de jornais e revistas em língua alemã traduzidos nos textos	328
Índice onomástico	329
Sobre os autores.....	334

Esboço do discurso a ser lido diante do túmulo de Karl Marx (1883)¹

Friedrich Engels

Há meros quinze meses, a maioria de nós se reuniu em torno deste túmulo, que à época estava prestes a se tornar o último local de descanso para uma grandiosa mulher de coração nobre. Hoje, ele foi reaberto para receber os restos mortais de seu marido.

Karl Marx foi um daqueles homens proeminentes que cada século produz em pequena quantidade. Charles Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica no planeta. Marx é o descobridor da lei fundamental segundo a qual a história humana se move e se desenvolve por si; uma lei tão simples e evidente que sua mera enunciação é quase suficiente para garantir que se concorde com ela. Como se não bastasse, Marx também descobriu a lei responsável pelo atual estado em que a sociedade se encontra, com sua profunda divisão de classes entre capitalistas e trabalhadores assalariados; a lei segundo a qual essa sociedade se organizou e cresceu até quase ultrapassar a si mesma, e segundo a qual ela terá, por fim, de perecer, como todas as fases históricas anteriores da sociedade. Esses resultados tornam ainda mais doloroso que ele tenha sido levado de nós em meio a seu trabalho e que, por mais que tenha feito muito, ele tenha deixado uma quantidade ainda maior de material incompleto.

¹ Escrito em inglês, o texto sofreu algumas alterações antes de ser proferido em 17 de março de 1883, no cemitério de Highgate, Londres, como se pode inferir pelo trecho reproduzido por Engels em “O sepultamento de Karl Marx”; ver, neste volume, p. 21. Esta versão inicial foi publicada no dia 20 do mesmo mês, em francês, no jornal parisiense *La Justice*, dirigido pelo genro de Marx, Charles Longuet. Traduzido do inglês por Claudio Cardinali a partir de Friedrich Engels, “Draft for the Speech over the Grave of Karl Marx”, MEGA I/25 (Berlim, Dietz, 1985), p. 403-4. (N. E.)

No entanto, a ciência, apesar de muito estimada por ele, estava longe de ser sua ocupação integral. Ninguém era capaz de sentir alegria tão pura quanto ele ao tomar conhecimento de um novo progresso científico, independentemente de ser aplicável na prática ou não. Apesar disso, ele via a ciência, acima de tudo, como grande alavanca histórica, como força revolucionária no sentido mais eminente da expressão. E era assim que Marx utilizava a ciência; para esse propósito, empregava seu grandioso conhecimento, em especial sobre a história em todas as suas ramificações.

Afinal, Marx era, de fato, como ele mesmo se denominava, um revolucionário. A luta pela emancipação da classe dos trabalhadores assalariados dos grilhões do atual sistema capitalista de produção econômica era seu elemento real. Nunca existiu combatente mais ativo que ele. Sua maior conquista, nesse âmbito de trabalho, foi a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores², da qual ele foi o líder reconhecido de 1864 a 1872. Em termos de visibilidade externa, a associação desapareceu; o vínculo fraterno dos trabalhadores de todos os países civilizados da Europa e da América, contudo, foi estabelecido de uma vez por todas, continuando a existir mesmo sem nenhum vínculo externo ou formal de união.

Não é possível lutar por uma causa sem criar inimigos. E ele os teve em grande quantidade. Durante a maior parte de sua vida política, foi o homem mais odiado e mais difamado da Europa. Não obstante, quase nunca deu atenção às calúnias. Se alguém já foi, de fato, capaz de ignorá-las, esse alguém foi Marx. No momento de sua morte, ele pôde contemplar com orgulho seus milhões de seguidores, fosse nas minas da Sibéria, fosse nas oficinas da Europa e da América; viu suas teorias econômicas serem adotadas como credo incontestável do socialismo universal; e, mesmo ainda tendo muitos adversários, não restava praticamente nenhum inimigo pessoal.

² Mais tarde conhecida como Primeira Internacional. (N. E.)

O sepultamento de Karl Marx (1883)¹

Friedrich Engels

No sábado, dia 17 de março, Marx passou a jazer em paz no cemitério de Highgate, no mesmo túmulo em que sua esposa havia sido enterrada quinze meses antes.

No sepultamento, *G[ottlieb]. Lemke* colocou duas coroas de flores com laços vermelhos sobre o caixão: uma em nome da redação e expedição de *O Social-democrata* e outra em nome da *Associação Educacional dos Trabalhadores Comunistas* de Londres.

Depois, *Friedrich]. Engels* falou mais ou menos o seguinte², em inglês:

No dia 14 de março, às 14h45, o maior pensador vivo parou de pensar. Não foi nem por dois minutos que o deixamos sozinho, quando voltamos, o encontramos tranqüilo em sua poltrona, adormecido – para sempre.

Para o proletariado combativo europeu e americano e para a ciência histórica, a perda desse homem é incomensurável. Em breve se fará sentir a lacuna deixada pela morte desse gigante.

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana: o simples fato, até então escondido pela proliferação ideológica, de que as pessoas precisam primeiro comer,

¹ Publicado originalmente em *Der Sozialdemokrat*, n. 13, 22 mar. 1883. Traduzido do alemão por Claudio Cardinali a partir de Friedrich Engels, “Das Begräbniß von Karl Marx”, MEGA I/25, p. 407-13. (N. E.)

² Pode-se observar que a versão publicada em alemão apresenta significativas alterações em relação ao manuscrito inicial de Engels. Ver, neste volume, p. 19. (N. E.)

beber, morar e vestir-se antes de poder fazer política, ciência, arte, religião etc.; ou seja, de que a produção dos meios materiais imediatos de vida – e, consequentemente, a etapa de desenvolvimento econômico respectiva de um povo ou de um período – forma o fundamento sobre o qual se desenvolveram as instituições do Estado, as concepções jurídicas, a arte e até mesmo as ideias religiosas das pessoas em questão; é a partir dessa base que se devem explicar esses desenvolvimentos – não o contrário, como vem acontecendo até agora.

Como se não bastasse, Marx também descobriu a lei especial segundo a qual se movimentam o atual modo de produção capitalista e a sociedade burguesa por ele criada. Com a descoberta do mais-valor, fez-se, de repente, uma luz, enquanto todos os estudos anteriores, tanto dos economistas burgueses quanto dos críticos socialistas, haviam se perdido no escuro.

Duas descobertas desse porte deveriam ser o bastante para uma vida. Feliz é aquele que tem a chance de fazer uma que seja. Contudo, em cada uma das áreas em que Marx desenvolveu estudos – foram muitas áreas e sua dedicação nunca era superficial –, em cada uma, até mesmo na matemática, ele fez descobertas autônomas.

Assim era o homem da ciência. E isso ainda não era sequer metade desse homem. A ciência era, para Marx, uma força motriz da história, uma força revolucionária. Por maior que fosse sua alegria quando, em uma ciência teórica, algo era descoberto, de utilidade prática talvez ainda não clara, sua alegria era bem diferente quando se tratava de algo que impactasse imediatamente e revolucionariamente a indústria – e o próprio desenvolvimento histórico. Assim, ele acompanhou de perto o desenvolvimento das descobertas na área da eletricidade e, por fim, as de Marc Deprez³.

Marx era, antes de tudo, um revolucionário. Contribuir, de uma maneira ou de outra, para o declínio da sociedade capitalista e das instituições estatais criadas por ela, contribuir para a libertação do proletariado moderno – a quem ele primeiro possibilitou a consciência de sua própria situação e de suas necessidades, a consciência das condições de sua emancipação –, essa era a verdadeira tarefa de sua vida. A luta era o elemento que o compunha. E, como poucos, ele lutou com paixão, tenacidade e êxito. Houve a primeira *Gazeta Renana*, em 1842, o *Avante!* de Paris, em 1844, a *Gazeta Alemã de Bruxelas*, de 1847, a *Nova Gazeta Renana*, de 1848 a 1849, a *New York Tribune*, de 1852 a 1861, além de diversos panfletos militantes e do trabalho em associações em

³ Marcel Deprez (1843-1918), físico e engenheiro elétrico francês, considerado um dos pioneiros na área de transmissão de energia elétrica. (N. T.)

Paris, Bruxelas e Londres; então, enfim, surgiu a grande Associação Internacional dos Trabalhadores, ponto alto de sua atuação. Realmente, esse foi mais um resultado de que o criador poderia se orgulhar, mesmo se não tivesse feito mais nada.

Por isso mesmo, Marx foi o homem mais odiado e mais caluniado de seu tempo. Governos, tanto absolutistas quanto republicanos, o expulsaram de seus territórios; burgueses, tanto conservadores quanto extremamente democráticos, pareciam competir para ver quem o difamava mais. Ele limpou de seu caminho tudo isso, como se fossem teias de aranha, ignorando-os, respondendo apenas quando era realmente obrigado a fazê-lo. Ele morreu reverenciado e amado por milhões de trabalhadores revolucionários, que agora estão de luto, das minas na Sibéria à Califórnia, passando por toda a Europa e a América; e posso dizer com segurança: ele talvez ainda tivesse alguns adversários, porém não restava praticamente nenhum inimigo pessoal.

Seu nome sobreviverá através dos séculos, assim como sua obra!

Depois, o genro de Marx, Longuet, leu as seguintes mensagens que haviam chegado, em francês:

I.

Colocado sobre o túmulo de Karl Marx pelos socialistas russos:

Em nome de todos os socialistas russos, envio uma última saudação ao excepcional mestre entre todos os socialistas de nosso tempo. Uma das mais grandiosas mentes adormeceu, um dos mais enérgicos combatentes contra a exploração do proletariado morreu.

Os socialistas russos curvam-se diante do túmulo do homem que simpatizou com suas aspirações ao longo de todas as transformações de sua terrível luta; uma luta que eles levarão adiante até que os princípios da revolução social tenham enfim triunfado. A língua russa foi a primeira a receber uma tradução de *O capital*, esse evangelho do socialismo contemporâneo. Os estudantes das universidades russas tiveram o privilégio de ser os primeiros a ouvir uma exposição agradável das teorias desse grande pensador que acabamos de perder. Mesmo aqueles que, por questões organizacionais práticas, se opunham ao fundador da Associação Internacional dos Trabalhadores tiveram muitas vezes de curvar-se diante da abrangente ciência e da grandiosa força do pensamento que sabiam compreender a essência do capital moderno, o desenvolvimento das formas econômicas da sociedade e a dependência de toda a história da humanidade em relação a essas formas de desenvolvimento. E mesmo os mais

fervorosos adversários que ele encontrou entre os socialistas-revolucionários não tiveram opção senão obedecer ao chamado que ele e o amigo de sua vida, há 35 anos, gritaram para o mundo:

“Proletários de todos os países, uni-vos!”

Pela morte de Karl Marx estarão de luto todos aqueles que compreendiam seu pensamento e que sabiam valorizar sua influência em nossa época.

Permito-me adicionar que o luto mais doloroso será daqueles que conheciam Marx intimamente, em especial dos que o amaram como amigo.

Paris, 15 de março de 1883

*P. Lawroff*⁴

II.

Telegrama

O diretório parisiense do Partido Operário Francês expressa sua dor pela perda do pensador cuja compreensão materialista da história e cuja análise da produção capitalista criaram o socialismo científico e o movimento comunista revolucionário atual. Expressa, além disso, sua reverência por Marx como pessoa e sua total concordância em relação a seus ensinamentos.

Paris, 16 de março de 1883

O secretário: *Lépine*⁵

III.

Telegrama

Em meu próprio nome e como delegado do Partido Operário Espanhol (diretório de Madri), partilho da imensa dor dos amigos e das filhas de Marx pela tão terrível perda do grande socialista que era mestre de todos nós.

Paris, 16 de março de 1883

José Mesa y Leompart

⁴ Transliteração alemã para o nome do revolucionário russo Piotr Lavrov. (N. E.)

⁵ Trata-se de Jules Lépine, secretário da seção parisiense do Partido Operário Francês (N. E.)

Depois disso, *Liebknecht* falou da seguinte forma, em *alemão*:

Vim da região central da Alemanha para expressar meu amor e minha gratidão em relação ao inesquecível professor e fiel amigo. O fiel amigo! Seu mais velho amigo e aliado acabou de chamar Karl Marx de homem mais odiado deste século. Certamente. Ele foi o mais odiado, mas também foi o mais amado. *Mais odiado* pelos opressores e pelos exploradores do povo, *mais amado* pelos oprimidos e pelos explorados, tanto que estivessem conscientes da própria situação. O povo oprimido e explorado o amava porque *ele* amava esse povo. Afinal, o falecido cuja perda lamentamos era tão grandioso em seu amor quanto em seu ódio. Seu ódio era fruto do amor. Ele tinha um grande *coração*, tão grande quanto seu *espírito*. Todos que o conheciam sabem disso.

Contudo, não estou aqui como mero aluno e amigo; estou aqui como representante da *social-democracia alemã*, que me deu a tarefa de expressar seus sentimentos em relação a seu *professor*, ao homem que *criou* nosso partido – se é que é possível falar de criação nessa relação.

Não seria apropriado eu vir cheio de grandiloquências. Afinal, jamais houve tão fervoroso *inimigo da retórica vazia* [*Feind der Phrase*] quanto Karl Marx. É justamente seu mérito o fato de ter *livrado* o proletariado e o partido do povo trabalhador *da retórica vazia*, dando-lhes a sólida base inabalável da *ciência*. Revolucionário da ciência, revolucionário *por meio da ciência*, ele escalou o mais alto pico da ciência a fim de descer para junto do povo, tornando a ciência um bem comum do povo.

A ciência é a libertadora da humanidade.

As ciências *naturais* nos libertam de *Deus*. Mas Deus no céu continua a viver, embora a ciência o tenha matado.

A ciência da *sociedade* que Marx desenvolveu para o povo mata o capitalismo e, com ele, os ídolos e os senhores da *Terra*, que, enquanto viverem, não deixarão Deus morrer.

A ciência não é *alemã*. Ela desconhece gavetas, muito menos as gavetas da *nacionalidade*. Assim, o criador de *O capital* havia também, necessária e naturalmente, de ser o criador da *Associação Internacional dos Trabalhadores*.

A base da ciência que devemos a Marx nos coloca em posição de resistir a todos os ataques dos inimigos e de continuar conduzindo as lutas já iniciadas com força cada vez maior.

Marx transformou a social-democracia, que era uma *seita*, uma *escola*, em um *partido*, um partido que já luta invicto e que conquistará a vitória.

Isso não é válido apenas para nós, *alemães*. Marx pertence ao *proletariado*. Sua vida inteira foi dedicada aos proletários de todos os países. Os proletários capazes de pensar e pensantes, de todos os países, o estimam em grata reverência.

O golpe que nos atingiu foi forte. Todavia, não lamentaremos. O morto não está morto. Ele vive no *coração*, ele vive na *cabeça* do proletariado. Sua memória não desaparecerá, seus ensinamentos impactarão círculos cada vez maiores.

Em vez de lamentar, devemos, no espírito do grandioso falecido, *agir*, buscar com todas as forças a *realização*, o mais rápido possível, daquilo que ele ensinou e desejou. Essa é a melhor maneira de celebrar sua memória.

Meu amigo falecido, mas vivo! *Seguiremos no caminho que você nos mostrou até chegarmos ao objetivo. É o que prometemos diante de seu túmulo!*

Além das pessoas mencionadas e de outras, estavam presentes em torno do túmulo o outro genro de Marx, *Paul Lafargue*; *Friedrich Lessner*, que havia sido condenado a cinco anos de prisão no processo dos comunistas de Colônia, em 1852; e *G[eorg]. Lochner*, também antigo membro da Liga dos Comunistas. As ciências da natureza estavam representadas por duas celebridades de primeira linha, o zoólogo e professor *Ray Lankaster* e o químico e professor *Schorlemmer*, ambos membros da Academia de Ciências de Londres (Royal Society).